

Cooperativismo

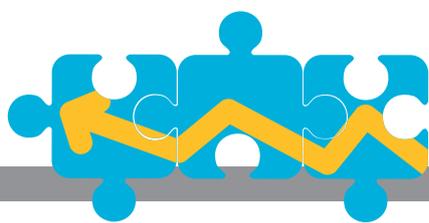
Caderno Especial do Jornal do Comércio | Porto Alegre, sexta-feira e fim de semana, 3, 4 e 5 de julho de 2020



MONTAGEM SOBRE FOTOS DE ALEXANDRO AULER/JC, LEANDRO HAMLESTER/LANGUIRI/JC, DIVULGAÇÃO/JC, UNIMED PORTO ALEGRE/DIVULGAÇÃO/JC E CERTEL/DIVULGAÇÃO/JC

Na contramão da crise

Em ano de pandemia do coronavírus e de estiagem no campo, o segmento cooperativo continua crescendo e mantém os planos de investimento

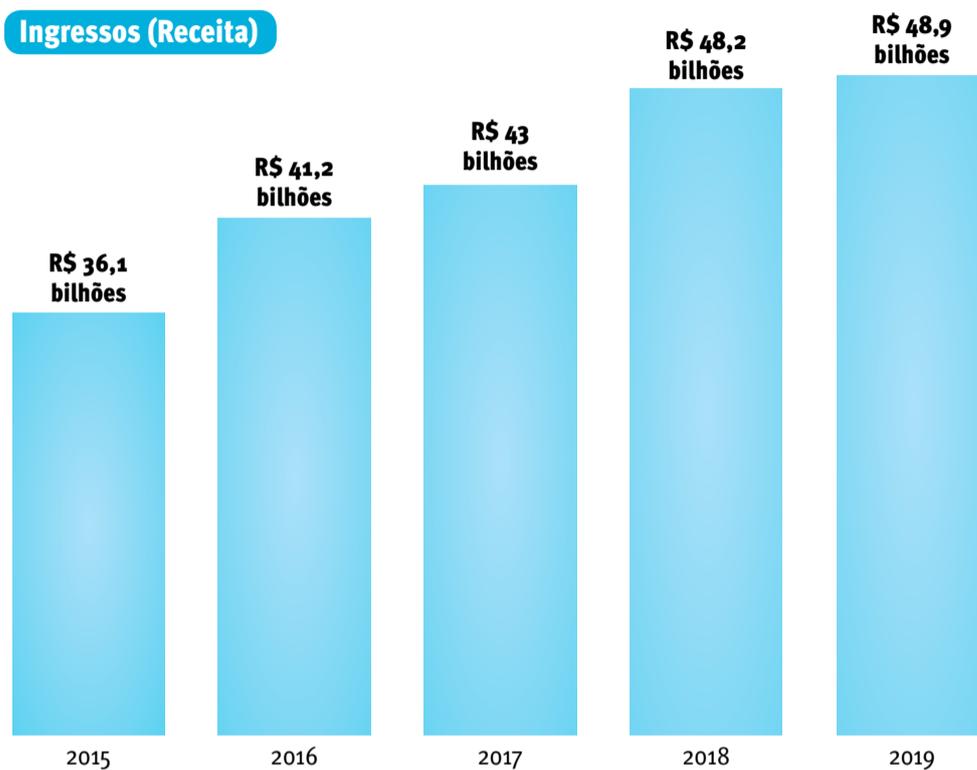


Cooperativismo no Rio Grande do Sul

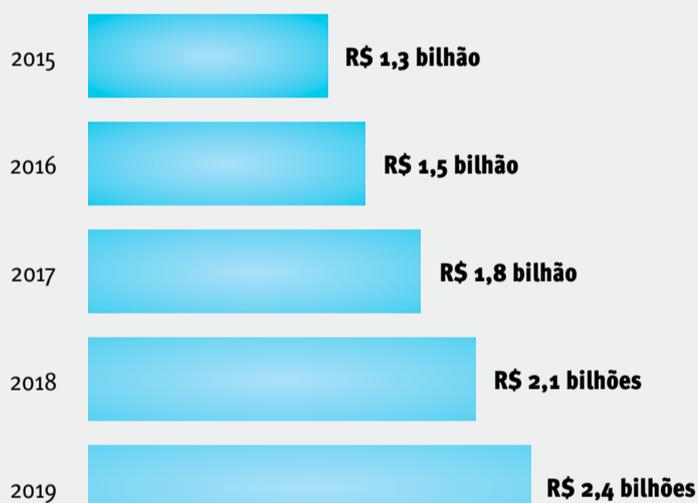
*dados 2019 (preliminares)

Ano	Associados	Empregados	Cooperativas no RS
2015	2,6 milhões	58,8 mil	434
2016	2,8 milhões	58,9 mil	420
2017	2,8 milhões	61,8 mil	426
2018	2,9 milhões	63,8 mil	437
2019	2,9 milhões	64,6 mil	444

Ingressos (Receita)



Sobras (Lucro)



Ações na pandemia de coronavírus

Doações
R\$ 26 milhões

Outros benefícios
R\$ 83 milhões

Salário médio
R\$ 2.461,60
(9% superior à média do setor privado)

Ramo Agropecuário

128
cooperativas

343,7 mil
associados

R\$ 31,3 bilhões
(ingressos)

R\$ 644,1 milhões
(sobras)

Ramo Crédito

87
cooperativas

2,1 milhões
de associados

R\$ 21,3 bilhões
(depósitos a prazo)

R\$ 1,4 bilhão
(sobras)

Ramo Saúde

59
cooperativas

23,7 mil
associados

R\$ 7,4 bilhões
(ingressos)

R\$ 814,3 milhões
(imobilizado)

Ramo Infraestrutura

38
cooperativas

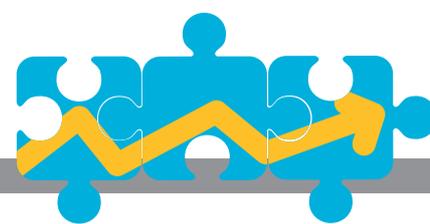
528,8 mil
associados

R\$ 1,3 bilhão
(ingressos)

sobras não divulgadas

Cooperativismo

• **EDITOR-CHEFE** Guilherme Kolling (guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br) • **EDITOR DE ECONOMIA** Cristiano Vieira (cristiano.vieira@jornaldocomercio.com.br)
• **REPORTAGEM** Adriana Lampert, Jefferson Klein, Roberta Mello e Thiago Copetti • **PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO** Luis Gustavo Van Ondheusden



conjuntura

Cooperativas distribuem 11% mais recursos em 2019

Thiago Copeti
thiago.copetti@jornaldocomercio.com.br

Tradicionalmente divulgados nesta época do ano, os números finais do cooperativismo gaúcho em 2019 ainda não foram finalizados devido à pandemia. Os indicadores preliminares revelados nesta semana pela Ocergs/Sescoop, porém, indicam que o ano passado foi de novos recordes para o setor.

Os ingressos nos caixas das cooperativas somaram R\$ 48,9 bilhões, alta de 1,4% em relação a 2018. Mas o destaque ficou mesmo é no valor destinado ao bolso dos associados. O total das sobras (como o cooperativismo registra os

lucros) se aproximou de R\$ 2,4 bilhões, uma alta de 11% sobre o ano anterior. Ganhos que, na verdade, destaca o presidente da Ocergs, Vergílio Perius, vão além do que é repartido entre os cooperativados.

“Houve um crescimento líquido de 11% nas sobras mesmo com aumento bem menor no faturamento. Isso significa dizer que as cooperativas administraram bem suas contas”, elogia Perius.

Com eficiência na gestão e uma visão mais sustentável e igualitária nos negócios, ressalta Perius, o setor também consegue pagar melhor seus colaboradores. Ao cruzar a média das remunerações pagas no setor privado em 2019

(R\$ 2.256,00) com os salários dos funcionários de cooperativas (R\$ 2.461,60), ressalta o executivo, a diferença é significativa (9% maior).

No Rio Grande do Sul, hoje, existem quase 3 milhões de associados a cooperativas, com destaques para o setor de crédito (2,1 milhões de associados), infraestrutura (cerca de 530 mil) e na agropecuária (343 mil sócios).

“Temos uma enorme participação na economia gaúcha tanto pela abrangência quanto pela relevância econômica individual que chega ao bolso de cada associado e empregados no setor”, defende o presidente da Ocergs.

Perius explica que o atraso na



De acordo com a Ocergs, sobras chegaram a R\$ 2,4 bilhões em 2019

divulgação anual do balanço do setor, com uma radiografia detalhada por atividade, ocorreu devido à pandemia de Covid-19. Isso porque apenas cerca de 50% das cooperativas conseguiu aprovar seus balanços antes das regras de isolamento social, que impediram a realização de assembleias gerais presenciais.

Mas isso deve mudar. Semana passada, a Câmara dos Deputados aprovou o relatório do deputado Enrico Misasi (PV-SP) à MP 931/2020, que trata da realização de assembleias gerais ordinárias por cooperativas durante a pandemia de Covid-19 por meio virtual. A medida deverá ser permanente.



Este ano, 4 de julho é o Dia Internacional do Cooperativismo.

Dia de celebrar o que nos move: **a cooperação.**

E, para a Unimed, que vive o cooperativismo todos os dias, é uma data especial.

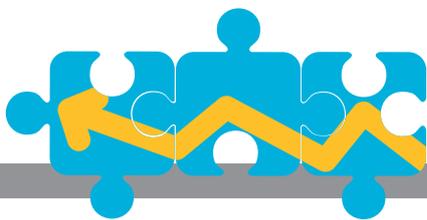
Hoje é dia de relembrar nossas origens, nossos valores e tudo que nos move.

É cooperando que vamos superar os desafios e seguir fortes no rumo do nosso propósito de todos os dias: **cuidar dos gaúchos.**

Unimed

ANS - nº 367087

COOPERAR TEM FEITO A DIFERENÇA NA PANDEMIA.
COOPERATIVAS UNIDAS PARA A SÓLIDARIEDADE. SAIBA MAIS EM WWW.SAUDEACAO.ORG



agronegócio

Parceria ajuda a equilibrar as contas no campo

Thiago Copetti

thiago.copetti@jornaldocomercio.com.br

Enquanto a maior parte dos setores da economia vive uma crise iniciada pela chegada e avanço do coronavírus no Brasil desde março, o agronegócio já enfrentava outro problema, a estiagem, que também se agravou ao longo de 2020. Em ambos os casos, no entanto, é fato que os produtores ligados a alguma cooperativa têm melhores condições de enfrentarem aos dois percalços que marcam este ano.

Estiagem e pandemia afetaram agricultura e pecuária de diferentes maneiras, e também são diferentes os impactos no cooperativismo rural. Enquanto as cooperativas dedicadas à industrialização de alimentos (como carnes) têm um cenário um pouco mais favorável, aquelas mais fortemente dedicadas aos grãos encontram dificuldades maiores, de acordo com o presidente da Federação das Cooperativas Agropecuárias do Estado do Rio Grande do Sul (Fecoagro-RS), Paulo Pires.

“A safra 2019/2020 foi marcada pela estiagem, com 47% de quebra na soja, segundo a Rede Técnica Cooperativa (RTC), e 30% no milho. E o grande alicerce das cooperativas agrícolas está na produção e recebimento de safra e venda de insumos. Então temos um faturamento bem aquém de anos anteriores. Este ano

vai ser complicado”, lamenta o dirigente da Fecoagro-RS.

Ainda que as exportações de grãos no primeiro semestre tenham ido muito bem com o dólar em alta, o que pode trazer aos seis primeiros meses do ano uma aparente normalidade, Pires avisa que isso não será uma constante nos próximos meses. Isso porque, no segundo semestre, as cooperativas não terão muito produto para trabalhar. A soja, por exemplo, teve a maior parte comercializada. Já a pandemia - que, se em um primeiro momento, não afetou o consumo de alimentos - trará um ritmo mais lento ao consumo no segundo semestre de 2020 com o aumento do desemprego e a queda na renda da população.

“É um ano em que todos terão redução de faturamentos e resultados. Mas, certamente, quem é produtor ligado a cooperativas tem mais apoio neste momento. No caso das perdas com a estiagem, certamente nenhuma cooperativa executou contratos de um produtor que efetivamente se relaciona com ela”, avalia Pires. O cenário dos cooperativados e das cooperativas é bastante diverso, seja nos impactos da pandemia e da estiagem, seja nas finanças. O certo é que, dentro do setor, ocorrerão diferentes situações, como cooperativas que têm condições de ajustar e apoiar produtores com recursos próprios



FECOAGRO/DIVULGAÇÃO/JC

(como aquelas que têm, em outros negócios, fontes de renda menos afetadas) e outras que dependerão de crédito oficial para a normalidade de suas próprias atividades.

No caso da estiagem, boa parte delas efetuou seguros para os produtores, e por isso estão mais protegidas, explica Pires. Outras fizeram contratos com tradings e, mesmo sem que o produtor consiga cumprir, irão buscar atender os contratos. Cientes de que os produtores que não colheram o previsto também foram reféns do clima, e como esse agricultor também é dono da cooperativa, dificilmente será executado na Justiça, compara Pires.

“Seria injusto, porque ele não deixou de colher por incompetência, mas pelo clima. Então as

cooperativas estão fazendo um acerto, prorrogando os prazos, dentro das condições de cada uma”, defende o presidente da Fecoagro. Sem aprovação, até o momento, do programa do governo federal para prorrogar os débitos dentro do sistema cooperativo, como ocorreu com os financiamentos tomados em bancos, o momento é complexo no setor de grãos.

“Cooperativas estão mudando o perfil de endividamento, renegociando e alongando prazos. São as cooperativas que financiam e fornecem insumos para muitos produtores que não têm acesso ao sistema financeiro ou com um complemento”, ressalta o dirigente da Fecoagro, destacando que o sistema ainda pressiona a União para contar com algum apoio ao setor.

Seca causou redução de quase 45% na safra de soja do Estado

Dólar, quebra de safra e pandemia têm impactos diversos

Ainda que a valorização cambial tenha feito a saca de soja ultrapassar os R\$ 100,00 neste primeiro semestre, em geral, bom para o produtor, a alta pode ter colocado algumas cooperativas em uma encruzilhada. Deste modo, os agricultores costumam deixar uma parcela da colheita depositada nas cooperativas como uma reserva financeira a ser retirada posteriormente - “sacar” essa reserva agora poderá impor

um baque financeiro ao setor. Isso porque as cooperativas costumam comercializar o que têm sob garantia, até mesmo por questão de espaço. Entretanto, a soja vendida ao preço de 2019, cerca de R\$ 75,00 a R\$ 80,00 a saca, agora precisará ser reposta por até mais de R\$ 100,00 a saca.

Presidente do Sistema Ocergs/Sescoop, Vergílio Perius diz que os balanços de 2019, atrasados pela pandemia - que

limitou a realização de assembleias para aprovação de contas - deverão trazer indicadores atípicos.

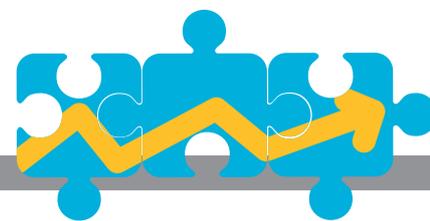
“Em 2019 houve mais complexidade para a comercialização da soja. Boa parte das cooperativas segurou as vendas e, quando o dólar iniciou o movimento de alta em janeiro, fevereiro deste ano, começou a comercializar o que estava represado de 2019. Boa parte da safra anterior foi vendida em

janeiro, fevereiro e março desse ano”, antecipa Perius.

Coordenador de agronegócio do escritório Souto Correa Advogados, Fernando Pellenz avalia que o cenário de dificuldades deve acelerar processos de fusão ou de incorporação de cooperativas em dificuldade por outras em melhor situação. Ao invés de quebrar e deixar inclusive associados e funcionários com problemas financeiros, avalia o advogado,

o setor pode retomar negociações que estavam paradas entre cooperativas com mais sucesso.

“Essa antecipação de fusões ocorre em outros setores também e não deve ser diferente nas cooperativas de grãos, principalmente. Já o cooperativismo agroindustrial tem um cenário diferente, porque está produzindo alimentos para o consumo direto”, explica o especialista.



Investimentos não param mesmo com a crise

Apesar do momento turbulento, há quem ainda espere crescimento em 2020. É o caso da Cooperativa Languiru, no Vale do Taquari. Após faturamento recorde de R\$ 1,441 bilhão em 2019, segue com expectativa de novos ganhos.

Em março, de acordo com Dirceu Bayer, presidente da cooperativa, a projeção era fechar 2020 com R\$ 1,8 bilhão de receita. O valor foi revisto, após o avanço da pandemia, para R\$ 1,7 bilhão, mas ainda assim significa um aumento de 18% sobre 2019. Esse resultado em plena pandemia, explica Bayer, só é possível com investimentos constantes e diversificação de negócios.

“De todo o grão que consumimos na cooperativa, 95% vem de fora. Isso só é viável porque agregamos valor ao industrializar leite, suínos e aves em mais de 450 produtos. Acabamos de inaugurar

a duplicação da nossa capacidade de abate de aves (investimento de R\$ 60 milhões)”, comemora Bayer.

A Languiru aposta em crescimento ingressando, também, nos mercados chinês e europeu. E espera avançar no varejo, com seu 11º supermercado abrindo as portas no Shopping Lajeado, na BR-386.

Também do Vale do Taquari vem outro belo exemplo. A Cooperativa Dália Alimentos deu início, neste ano, aos primeiros abates em sua recém-inaugurada planta industrial em Arroio do Meio, com investimento que totaliza R\$ 190,5 milhões. Só o complexo industrial e o incubatório, bancados com recursos da cooperativa, custaram R\$ 96 milhões e R\$ 12 milhões, respectivamente. A Dália também tem uma cota na granja de matrizes, que exigiu aportes de R\$ 15 milhões.



Dirceu Bayer preside a Languiru

Trabalho conjunto ajuda associados

O ato de cooperar se sobressai em períodos de crise, podendo fazer uma grande diferença nas contas e até mesmo na sobrevivência da atividade rural. Extensionista da Emater e coordenador da instituição, Francisco Manteze destaca que, em meio à pandemia, ser cooperativado trouxe benefícios imediatos a produtores familiares. Manteze lembra que cooperativas, tradicionalmente, são constituídas em períodos de crise.

“A primeira cooperativa foi criada assim, na Revolução Industrial (em 1844, em Rochdale-Manchester, na Inglaterra), unindo trabalhadores contra toda a exploração da mão de obra da época”, explica o agrônomo da Emater, que atua mais fortemente com cooperativas

que produzem frutas, hortaliças e verduras, com foco na produção familiar de menor porte.

Ele explica ainda, que os produtores cooperativados trocam mais informações e conseguem pressionar mercados institucionais, por exemplo, como nas compras de alimentos do governo para escolas após a pandemia. “Unidos também conseguem evitar intermediadores, vendendo diretamente ao mercado e aumentando os ganhos”, aponta.

Atualmente, a Emater atende a 169 cooperativas (de portes variados, indo de 30 associados até 3 mil associados cada uma, e que somam 39 mil pessoas no total). A instituição assessora nos processos de gestão, no acesso a mercados, além do apoio técnico rural.

PROTEGER A FAMÍLIA DOS ASSOCIADOS. É ASSIM QUE A ICATU COOPERA.

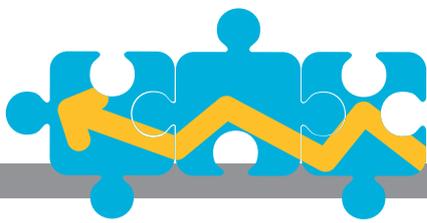
A cooperação transforma. E nós cooperamos, sendo o agente de estabilização econômica de milhões de associados e suas famílias. Nossa missão é apoiar a sociedade, conscientizando, educando financeiramente e protegendo em todas as etapas da vida. **Conte com a Icatu Coopera, uma empresa 100% brasileira.**

4 DE JULHO,
**DIA INTERNACIONAL
DO COOPERATIVISMO.**

Unidos somos mais fortes.

Icatu
COOPERA

ESPECIALISTA EM
SEGURO DE VIDA,
PREVIDÊNCIA
E CAPITALIZAÇÃO.



entrevista

Cooperativas podem ajudar Brasil a sair da crise

Thiago Copetti

thiago.copetti@jornaldocomercio.com.br

As cooperativas podem ser um caminho sustentável para reduzir o desemprego e minimizar os danos econômicos da pandemia nos meios urbanos e rural, especialmente por meio da construção civil e das agroindústrias. Inclusive com iniciativas unindo ambos. A proposta, que prevê cooperativas de trabalhadores na construção de casas populares já foi encaminhada ao Ministério da Economia, de acordo com o presidente do Sistema Ocergs/Sescoop, Vergílio Perius. As sugestões para o investimento em agroindústrias próximas de regiões metropolitanas estão em fase final de elaboração. As propostas dependem de apoio federal e estadual, o que o presidente da Ocergs espera ver ocorrer ainda neste segundo semestre de 2020. Nesta entrevista ao Jornal do Comércio, Perius fala sobre como a pandemia afetou as cooperativas e, mais ainda, como o setor pode ajudar a reduzir a crise.

Jornal do Comércio - Em um ano atípico como 2020, qual é o cenário atual das cooperativas em geral?

Vergílio Perius - A pandemia faz com que as assembleias gerais só pudessem ser virtuais, então, a aprovação dos balanços finais das cooperativas de 2019 ficou comprometido. Até meados de junho, apenas 50% delas conseguiram. Os dirigentes têm certo risco em finalizar o processo antes porque pode o associado não aprovar as contas ou pedir mudanças em assembleia. Mas nós temos alguns dados estatísticos por meio do Banco Central e da Receita Federal e conseguimos antecipar alguns elementos importantes. O setor mais difícil e de onde nos falta mais dados é o agropecuário. O setor de crédito o Banco Central fornece, assim como as agências ligadas à infraestrutura, saúde, energia. No agronegócio sabemos que é onde há um cenário mais difícil desde o final de 2019 e neste ano. Com a

seca, houve uma perda de cerca de R\$ 15 bilhões de faturamento das cooperativas do segmento. Mas, de qualquer maneira, todos os setores cresceram em termo de geração de empregos. No cooperativismo damos muita importância quando há aumento na mão-de-obra empregada, ainda mais na atualidade. Mesmo na crise econômica que já vinha antes de 2020, as cooperativas do Rio Grande do Sul não desempregaram.

JC - Algum setor se destacou mais neste sentido?

Perius - A absorção maior se deu pelo agronegócio. Nas cooperativas que têm agroindústria, houve um incremento muito forte. Algumas contrataram muita mão-de-obra em função do volume das exportações de carnes. Então esse é um fator extremamente importante. O segundo aspecto é que as sobras, que seria o lucro de uma empresa privada, cresceram significativamente em 2019. Isso demonstra que as cooperativas administraram bem suas atividades - mesmo não aumentando muito o faturamento, a alta de ficam em torno de 9% a 11%. No quesito resultado econômico, as cooperativas gaúchas estão de parabéns. Outro elemento fundamental que destacamos é em relação ao salário pago aos empregados das cooperativas, que seguem 9% acima da média das demais empresas do setor privado. Isso é indicador bom, de que as sobras não são só para os sócios, mas também dos empregados pelo setor. No Estado, temos hoje perto de 3 milhões de sócios no sistema cooperativo. Temos uma enorme participação no quadro gaúcho e acho que estamos na liderança nacional em participação social de cooperativas.

JC - O que mais atraiu os novos sócios para o meio cooperativo?

Perius - O setor de crédito é um deles. Atrai a classe C e D, exatamente na linha de trabalho que quer o Banco Central, que as cooperativas de crédito façam no Brasil o que a Europa fez, a inclusão financeira das classes C e D, uma



Vergílio Perius afirma que não houve demissões no setor mesmo com a pandemia

classe bastante forte no meio rural. Na crise até 2018, quando tivemos retração econômica, crescemos muito no setor com novos sócios. Isso porque há confiabilidade, o sócio pode, a qualquer momento, verificar suas contas, exigir mudança na direção, tem voz de voto para influir. Temos mais de 15 mil líderes de núcleos que são, vamos dizer assim, como se fossem vereadores que fazem esse acompanhamento constante. Têm cooperativas de 2 mil sócios com 80 líderes de núcleos, representando nas comunidades os interesses dos sócios. Isso tudo gerando confiança, muita integração e muito entendimento no processo cooperativo.

JC - Nesse cenário de pandemia as pessoas tendem a se unir mais. Isso pode estimular também o cooperativismo e o enfrentamento da crise?

Perius - Hoje, a Ocergs tem planos macroeconômicos para o Estado e para o Brasil. Primeiro, precisamos criar e pensar o pós-pandemia e gerar empregos. O

Brasil precisa criar empregos. São 25 milhões de pessoas que dependem de R\$ 600,00 para sobreviver, que não têm renda e nem trabalho. O corporativismo também tem formas de fazer com que todos se desenvolvam e cresçam. Dispomos de um plano para o crescimento das agroindústrias e também para o setor urbano, por meio de cooperativas habitacionais unidas às cooperativas de trabalho. Estamos propondo um projeto com orçamento próximo de R\$ 30 bilhões em seis anos. Com esse recurso, criar um novo modelo para o Minha Casa, Minha Vida, priorizando justamente a construção de casas, e não de edifícios. A ideia é que trabalhadores desempregados tenham aulas de construção civil em um turno e no outro, por meio de cooperativa de trabalho, atuem em canteiros de obras e recebam um salário-mínimo por essa participação. Eles têm uma forma de sobrevivência nesse momento, ensino de graça pelo Sistema S e capacitação. Criamos, assim, ao mesmo tempo, moradias populares e trabalho. Encaminhei esse projeto ao governo do Estado. O setor da construção civil é o que gera mais emprego urbano. Mas, para este ciclo, estou falando em casas populares, não apartamentos.

JC - Por que casas? São mais simples de construir por uma mão de obra recém-treinada?

Perius - Para mim, o grande erro do Minha Casa, Minha vida, na política habitacional, é financiar a construção de edifícios, que exigem muitos menos mão-de-obra. Cada guindaste em uma construção substitui 120 pessoas. Ou seja,

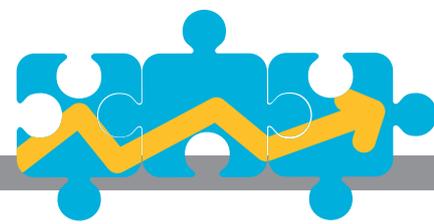
se o governo quiser criar empregos deveria fazer residências horizontais, de 50 metros quadrados, mas com toda a infraestrutura, de água e esgoto, calçamento, iluminação, áreas sociais e com escolas, inclusive, em alguns locais mais afastados. Foi o que fizemos no Jardim Sabará, em Porto Alegre, entre os anos 1965 e 1970. A proposta é de, inclusive, aproximar também as agroindústrias cooperativadas na Grande Porto Alegre, mais perto desses grandes projetos habitacionais horizontais. Esse é um caminho para gerar trabalho e renda, ao mesmo tempo, no meio urbano e no meio rural, para uma boa parcela dos 25 milhões que vão depender única e exclusivamente de auxílio emergencial se não houver projetos de investimento nesses setores.

JC - Esse projeto já foi encaminhado ao governo?

Perius - O projeto já está na mão do ministro da Economia, Paulo Guedes, no caso da habitação, e o projeto da agroindústria vamos levar ao governador para que avalie a implantação aqui e possa conduzir a proposta em nível nacional. Isso tem que ser uma proposta para todo o País. Precisamos de uma nova visão, uma mudança radical por parte do Minha Casa, Minha Vida, que hoje financia trabalhadores com uma renda de R\$ 2 mil, R\$ 2,5 mil... não é muito, mas ainda tem. E aqueles 25 milhões que não têm nada? Para esses, que temos que gerar mão de obra e renda, que é fundamental, e ao mesmo tempo vamos capacitá-los para uma profissão no futuro na construção civil.



Estamos propondo um projeto com orçamento estimado em R\$ 30 bilhões para os próximos seis anos



seguros

União é marca também do mercado de seguros

O mercado de seguros e o sistema cooperativo são processos muito análogos, cercados de similaridades. Ambos são associações mutualísticas, nas quais todas as partes são beneficiadas através da interação e integração. Para o vice-presidente corporativo da Icatu Seguros, César Saut, a atuação de forma conjunta resulta em ainda mais eficiência para acolher as pessoas e desenvolver soluções individuais e também para a sociedade.

"Cooperação sempre foi a marca do nosso trabalho. Temos uma missão de longo prazo com os sistemas cooperativos e com as cooperativas de todo o Brasil

e o compromisso em ajudar a construir um país melhor, maior, mais justo e transparente", salienta.

De acordo com ele, no caso da Icatu, os esforços estão voltados para que a experiência dos associados seja a melhor possível, com um atendimento ainda mais ágil. "O Centro de Relacionamento com Cliente (CRC), os canais digitais e até mesmo o atendimento remoto com nossos colaboradores evoluíram desde o início, atentos às demandas das pessoas e acompanhando a evolução de nossos parceiros", explica.

Para ele, uma pandemia

evoca um novo senso de urgência e prioridade. "Neste sentido, colocamos em prática um monitoramento mais efetivo para realizarmos os pagamentos das indenizações decorrentes da Covid-19 com ainda mais agilidade e total transparência".

Saut concorda que as cooperativas têm uma grande relevância para as economias onde estão inseridas. "Levam soluções aos indivíduos, além de respeito e transparência em tudo o que fazem, trazendo essas características também em seu propósito".

Para o executivo da Icatu, se no passado as instituições



LUIZA PRADO/JC

César Saut diz que cooperativas levam soluções aos indivíduos

financeiras se desenvolviam pelo processo e pela inovação em produtos e serviços, no futuro tendem a se desenvolver pelo propósito do que fazem e pelo quanto têm de emoção em suas

atividades. "Por esta razão, acredito que o sistema de crédito cooperativo, por mais que seja uma instituição centenária, está mais moderno do que nunca", finaliza.

Nossa força e união faz história.

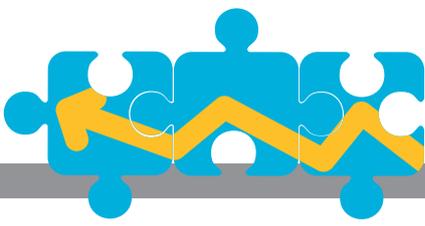
Através da cooperação transformamos sorrisos e juntos construímos um mundo melhor.



UNIODONTO
COOPERATIVA ODONTOLÓGICA

Há 47 anos o sorriso dos gaúchos.

www.uniodonto-rs.com.br



sucessão rural

Cooperativa (também) é coisa de jovem

Thiago Copetti

thiago.copetti@jornaldocomercio.com.br

Ele é antigo e atual, ao mesmo tempo, com mais de um século como modelo de desenvolvimento regional mais justo e sustentável - ainda hoje, conquista jovens e adolescentes. O centenário cooperativismo brasileiro, que no primeiro sábado de julho comemora sua principal data, tem suas origens em 1902, no Rio Grande do Sul.

O modelo chegou ao Brasil pelas mãos do padre jesuíta Theodor Amstad, admirador da experiência alemã, e avançou do meio rural ao urbano, da agricultura para quase todos os setores da indústria, do comércio e dos serviços. E, em um momento de pandemia, crise generalizada e novos desafios globais, ganha força como referência.

Cooperar, ser também o dono do próprio negócio e poder contar com os outros para crescer vem se fortalecendo como uma experiência real entre estudantes de diferentes idades. Os princípios que levaram o modelo cooperativo a prosperar desde o século passado aos dias atuais ainda batem à porta, ou melhor, aos computadores e smartphones das novas gerações.

Apontado pela Organização das Nações Unidas (ONU) como um dos mais eficientes sistemas para promover o desenvolvimento econômico equilibrado, o cooperativismo tem por base temas como a democracia e a união de esforços

em torno de um tema comum. Na contabilidade de uma cooperativa, o lucro ganha o nome de sobras, fruto do esforço conjunto e repartido entre todos que ajudaram a alcançar o resultado positivo.

São premissas como essas que fizeram o sistema progredir e até mesmo se rejuvenescer, avalia o presidente do Sistema Ocergs/Sescoop, Vergílio Perius, hoje 100% dedicado ao setor e que foi também um jovem cooperativado. Trata-se de um modelo econômico diferenciado, baseando-se fundamentalmente no princípio democrático, no qual cada um tem voz, vez e voto.

O voto é igual para todos integrantes, independentemente dos recursos de cada um. O resultado econômico é que será proporcional ao volume dos negócios que cada cooperativado realiza. A capacidade de retornar aos jovens seus esforços e investimentos de uma forma mais igualitária e justa está entre os principais motivos de atração das chamadas gerações X e Y à cooperação profissional.

"O cooperativismo é o modelo econômico que faz o melhor aceno aos jovens frente ao capitalismo - que apropria mais capital às empresas -, ao comunismo e ao socialismo, que o direcionam ao Estado. Desde 2012, a ONU recomenda que os governos apoiem o sistema por ser um dos modelos de desenvolvimento ideal. E os jovens têm abraçado a ideia de uma forma



ÉDERSON KÁFER/DIVULGAÇÃO/LANGUIRU/JC

extraordinária", avalia Perius.

Em estudo recente, a Ocergs buscou entender melhor a visão que os jovens têm das cooperativas - foram ouvidas 401 pessoas com idades entre 16 e 34 anos. O grupo incluiu não apenas jovens cooperativados, mas também quem era funcionário de uma cooperativa. A Pesquisa Jovens Coop trouxe indicadores interessantes e revigorantes sobre como é, hoje, a interação deste público-alvo com o sistema.

Um das conclusões é que a maior parte deles entende que esta forma de atuação favorece o desenvolvimento pessoal, profissional

e comunitário. O idealismo aliado a um forte anseio por crescimento pessoal e profissional, e com perfil globalizado, também chamou a atenção nas respostas aos questionamentos.

Engana-se quem imagina que os jovens entrevistados são notoriamente agricultores com anseios focados no local. Entre os entrevistados, os maiores planos para o futuro incluem viajar e conhecer o mundo (49,6% das respostas, múltiplas) e ser capaz de ajudar os outros a mudar suas realidades de vida, com praticamente igual destaque (46,9%).

Cooperativa Languiru desenvolve Programa de Sucessão Familiar, apostando na formação de novos líderes para os pequenos agricultores

Ações para qualificar e conhecer a nova geração

A busca por essa proximidade com o futuro do cooperativismo é fundamental para a sucessão rural, um dilema para o agronegócio. Entre os programas que vêm mobilizando jovens e cooperativas estão o Aprendiz Cooperativo do Campo, com o qual a Ocergs promove a capacitação profissional em meio turno, ao longo de 17 meses, tempo em que o jovem recebe uma bolsa-auxílio equivalente a 50% do salário-mínimo nacional (além de vale-transporte e outros benefícios) para compensar o período em que

deixará de ajudar na propriedade familiar.

"Apenas em 2019, com esse programa, qualificamos 1 mil jovens. Deste total, apenas três deles desistiram de ficar no campo, por diferentes circunstâncias. Ou seja, 997 permaneceram na atividade e mais estimulados", assegura o presidente da instituição, Vergílio Perius.

O programa viabiliza que os estudantes desenvolvam projetos reais e alternativas de desenvolvimento na propriedade, dentro de suas potencialidades. Como? Habilitando os jovens

para atuar em diferentes setores da economia. São cerca de 1 mil horas de estudo e trabalhos práticos na propriedade.

"Esses jovens, optando por novas ações, permanecem no campo. É uma gota no oceano, mas mostra que eles têm no cooperativismo um estímulo para seguirem no campo e manter o sistema. As cooperativas rurais não estão perdendo sócios, estão ampliando", destaca Perius.

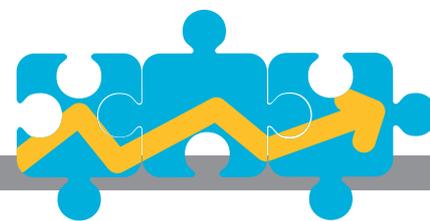
Manter forte tanto as bases da cooperativa quanto o futuro das propriedades rurais familiares é uma das ações que estão na

linha de frente de cooperativas como a Languiru, com sede em Teutônia, no Vale do Taquari. O programa de sucessão familiar da cooperativa ajuda na preservação e na expansão dos negócios individuais, ao mesmo tempo em que insere uma nova geração de associados à Languiru.

Em parceria com a Unisinos, e com o apoio do Sescoop/RS, a segunda turma de estudantes do curso teve 44 formados em janeiro deste ano. Se somados os jovens que participaram do Programa de Desenvolvimento da Liderança Cooperativa, os

diplomas foram entregues a um total de 70 jovens agricultores.

No programa de sucessão familiar foram 60 horas/aula, com encontros mensais, de setembro de 2018 a dezembro de 2019, em atividades que abordaram, entre outros temas, o acompanhamento das finanças da propriedade rural, técnicas de análise dos custos de produção, meios de relacionamento e gestão de pessoas. O grupo ainda participou de visitas técnicas em propriedades rurais de associados da Languiru e à uma cooperativa agropecuária do Paraná.



Cooebompa mobiliza jovens de Nova Petrópolis

Foi ainda no Ensino Fundamental que a estudante Gabriela Boelter teve contato com uma paixão que dura até hoje: o cooperativismo. Atual presidente da Cooperativa Escolar Bom Pastor (Cooebompa), fundada em 2010, Gabriela começou a se aproximar da cooperativa há cinco anos. Hoje, se pedir à jovem uma explicação do que é uma cooperativa escolar, o interlocutor receberá uma aula.

Gabriela fala com entusiasmo das reuniões que decidem os rumos da cooperativa, detalha as ações, descreve como é feita a gestão, as dificuldades e os processos que culminam sempre com um produto educacional. A meta da cooperativa é criar produtos e serviços que levam os jovens a aprenderem, na prática, diferentes funções de administração, produção e até

de contabilidade.

Entre os mais recentes "empreendimentos" educacionais estão a confecção de álcool em gel (ainda antes da pandemia), a gestão e contratação de uma máquina de café para a escola técnica, localizada em Nova Petrópolis, conhecida como capital gaúcha do cooperativismo. Tudo que é feito tem uma finalidade educacional, tanto no caso do álcool quanto da máquina de café.

"Temos alunos associados que participam de assembleias, das decisões do que vamos priorizar como atividade, fazemos atas, cuidamos do caixa, elaboramos estimativas de custos de produtos. E executamos os planos seguindo os princípios do cooperativismo", informa ela.

No caso do álcool em gel, foi preciso recorrer aos professores de Química e aos laboratórios da



COOEBOMPA/DIVULGAÇÃO/JC

Cooperativa escolar foi fundada em 2010 no município da Serra

escola para fabricação de, em média, 2 litros por mês vendidos em pequenos frascos. Fluxo de caixa que também vira aprendizagem.

As reuniões do conselho fiscal e administrativo debatem convites feitos à Cooebompa para participar de eventos, atividades que serão

priorizadas, novos produtos de aprendizagem, como mobilizar estudantes em causas e até atrair novos propagadores do cooperativismo. Gabriela diz que, quando uma ideia é aprovada, os cooperativados começam a concretizá-la.

"Vemos o que é necessário, se temos capacidade para fazer, os custos de produção e se é viável. Caso positivo, fazemos o projeto acontecer. O álcool em gel foi apenas um dos projetos que se concretizou", conta a estudante.

Como a escola recebe no internato alunos de fora da cidade e de outras regiões, ressalta Gabriela, há estudantes que não tinham contato com o sistema e acabaram levando a ideia para as suas famílias e comunidades. Muitos que já deixaram a Cooebompa hoje trabalham ou são associados de cooperativas.

PARECE ESTRANHA A IDEIA DE UMA INSTITUIÇÃO FINANCEIRA SER SUA?

NO COOPERATIVISMO, ISSO É UMA REALIDADE.

Aqui tudo é planejado visando o **melhor para você e demais cooperados**, que assumem o papel de sócios da instituição, definindo os rumos do negócio por meio das assembleias e participando dos resultados.

Além disso, você tem acesso a taxas **mais justas**, atendimento **personalizado** e soluções pensadas para **facilitar a sua vida** financeira.

Conheça a Unicred e faça parte do Cooperativismo.

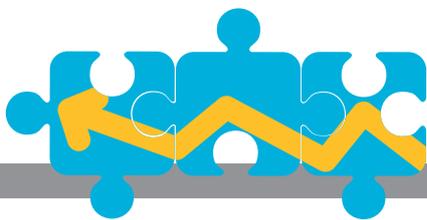
Uma maneira inteligente e moderna de realizar o seu projeto de vida.

04/07

DIA INTERNACIONAL DO COOPERATIVISMO

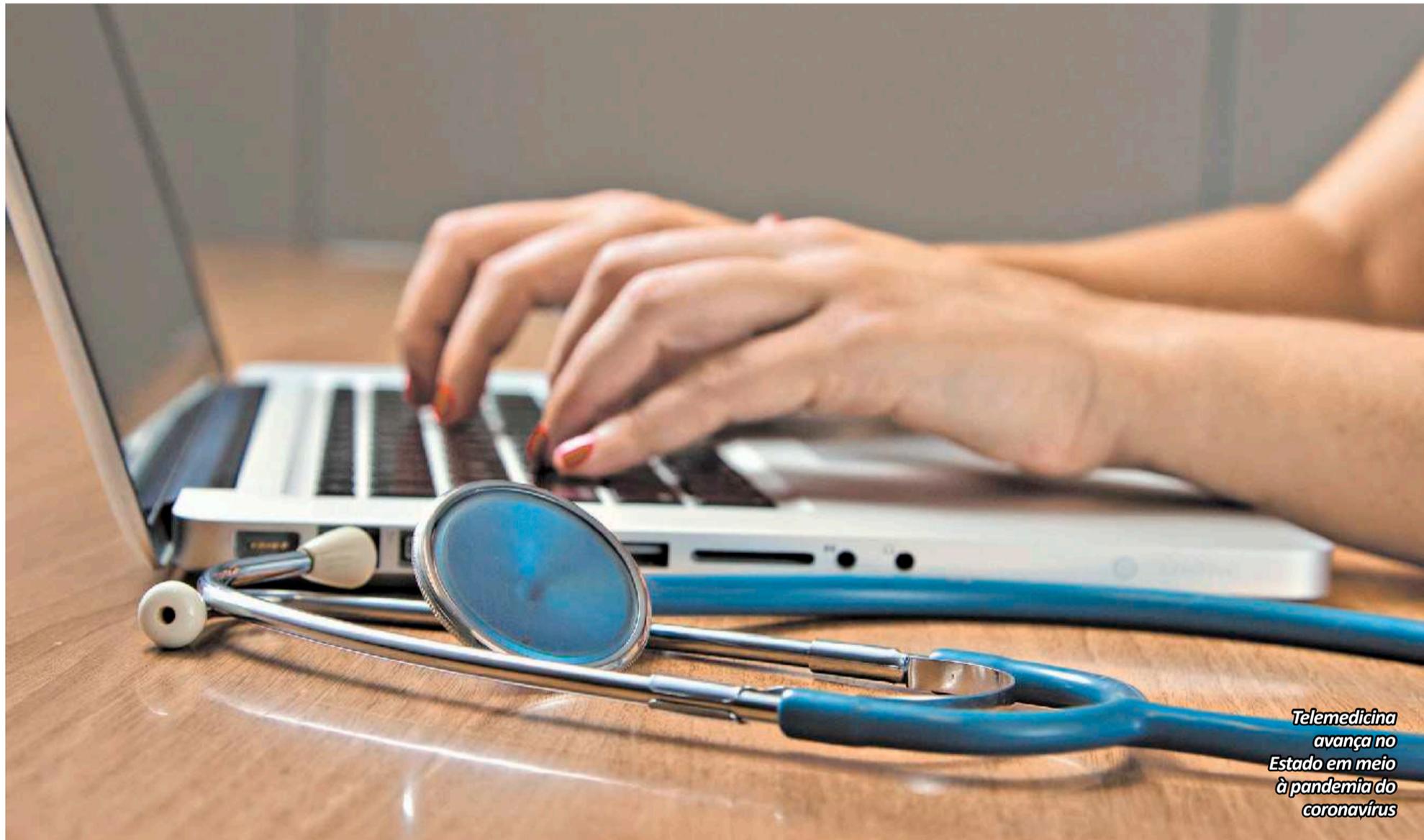
UNICRED

@unicred_rs
 unicred.com.br/centralrs



saúde

UNSPLASH/DIVULGAÇÃO/JC



**Telemedicina
avança no
Estado em meio
à pandemia do
coronavírus**

Operadoras lidam com baixa de usuários e modernizam estruturas

Adriana Lampert
adriana@jornaldocomercio.com.br

Investimento em infraestrutura, compra de equipamentos, ativação de canais on-line - com forte aposta na telemedicina - e uma série de outras ações coordenadas têm feito parte da rotina das cooperativas de saúde no Estado. Lidando com baixa no volume de usuários, por conta da crise gerada pela pandemia de Covid-19, as organizações seguem financeiramente estáveis, por contarem com as sobras do ano passado e por conterem custos que seriam gastos com as despesas nas consultas. Isso possibilita a distribuição de recursos

entre associados, enquanto as cooperativas atuam em várias frentes, buscando adaptar sua rotina, sem prejuízos significativos à operação, e, ao mesmo tempo, dar suporte às singularidades no Rio Grande do Sul.

Na lógica de buscar agir por meio de dados e fatos, com vistas à convergência de esforços, de "forma rápida e buscando resultados efetivos", a Unimed Federação/RS se mobilizou desde o princípio do agravamento do cenário de pandemia mundial, afirma o superintendente executivo da cooperativa, Geison Tremea. "Passados pouco mais de dois meses do primeiro caso confirmado no Estado, podemos considerar que todas as

medidas adotadas foram extremamente necessárias para que todo o sistema de saúde pudesse se preparar", avalia o gestor. Ele aponta que o trabalho do governo gaúcho "em todas as suas esferas (saúde suplementar, iniciativa privada e a busca por conscientização da população)" possibilitou que, em março e abril deste ano, a Unimed-Federação pudesse gerir os recursos necessários para o atendimento de seu público.

"No Comitê de Contingência do Sistema Unimed-RS, a perspectiva é de que agora estejamos em um novo momento de execução dentro do planejamento que foi realizado", explica o superintendente executivo da Federação. Tremea observa que, com a necessidade de reabertura de determinados setores da economia, "será fundamental que as cooperativas de saúde também possam iniciar uma retomada consciente das atividades".

Muitas aproveitaram o período de isolamento social para investir em um novo canal de atendimento: a telemedicina. "A implementação deste serviço foi a principal barreira que

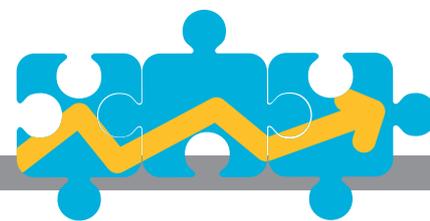
conseguimos ultrapassar neste período", destaca o diretor de Negócios e Inovação da Unimed-Federação, Luis Carlos Melo. Ao ressaltar que esta ação foi discutida em diversas áreas da saúde e tem sido muito utilizada, ele avalia que tudo indica "não haver a possibilidade de recuo" deste canal de atendimento.

Melo destaca ainda que, mesmo em meio à pandemia, a Unimed-Federação manteve sua sinistralidade na mesma média dos últimos anos. "A estabilidade necessária para suas obrigações, do ponto de vista econômico foi mantida. No entanto, sob o ponto de vista financeiro, a operadora segue buscando enfrentar as dificuldades a partir da baixa de usuários", pondera.

"O isolamento social contribuiu para que o volume de guias de procedimentos que necessitam de autorização em maio de 2020 caísse 30,14% frente ao mesmo período de 2018, e 36,18% em comparação ao mesmo mês em 2019", comenta o gestor de Negócios da Unimed-Federação. Ele avalia que a redução ocorreu por receio dos próprios beneficiários

e pelas ações dos hospitais, que passaram a postergar cirurgias e procedimentos eletivos sem caráter de urgência. "Ocorre que estes procedimentos serão realizados logo ali na frente. Tratamos este assunto como uma demanda reprimida momentânea."

Já a administradora da Cooperativa dos Médicos do Rio Grande do Sul (CoopMed-RS) Odessa Mânica faz um contraponto ao avaliar que sem a demanda habitual - por conta da adesão da população ao isolamento social principalmente no período dos primeiros decretos estaduais - por outro lado, as empresas de convênios (cooperadas ou não) literalmente "lucram com o que deixaram de gastar". "Com os usuários optando por ficar em casa, principalmente no terceiro e quarto mês deste ano, as operadoras conseguiram manter os recursos em caixa", explica. Já no caso da CoopMed-RS, a queda da demanda de usuários interferiu no faturamento. "Estamos projetando que vamos voltar ao normal, neste sentido, somente em novembro deste ano", comenta Odessa.



Unimed-POA conquista novos usuários no primeiro semestre

A perspectiva de crise não abala o presidente do Conselho de Administração da Unimed-Porto Alegre, Flávio da Costa Vieira. "Apesar da crise sanitária e econômica pela qual atravessa o Brasil por causa da pandemia, a Unimed Porto Alegre mantém-se líder no setor na sua área de atuação com uma projeção mais conservadora para o ano em relação ao seu crescimento e liderança."

Contando com mais de 700 mil beneficiários e 348 pontos de atendimento entre serviços credenciados e próprios, a Unimed-Porto Alegre reúne aproximadamente 6.800 médicos, e possui estrutura própria para atendimento ao cliente, que consiste em um hospital na cidade de Guaíba, laboratório, Centros de Diagnóstico por Imagem, Centro de Oncologia e Infusão, prontos-atendimentos, Clínicas de Vacinas, Espaço Viver Bem, Unidade de Atendimento Pediátrico e SOS Emergências Médicas.

Segundo Vieira, ainda que o cenário econômico em 2019 tenha sido negativo, a cooperativa conquistou 23 mil novos clientes no ano passado (quando obteve receita líquida de R\$ 3 bilhões) e, neste primeiro semestre de 2020, agregou outros 10 mil novos usuários. A Unimed Porto Alegre comercializa planos de assistência à saúde nas modalidades familiar e empresarial, além de produtos e serviços complementares. Seu mercado-alvo tem como ênfase

o segmento dos planos de saúde coletivos empresariais, formado por micro e pequenas empresas (a partir de dois funcionários) e médias e grandes empresas, que representam 86% da carteira de clientes. O mercado familiar responde pelos outros 14%, informa Vieira.

"O cenário macroeconômico, que atualmente sofre com a pandemia, tem exigido das operadoras de saúde uma constante análise de cenário para a manutenção e sustentabilidade da operação", pondera o gestor da cooperativa. Ele reforça que, apesar do momento, a Unimed Porto Alegre tem mantido as operações para a captação de clientes por meio de novos canais, "sem agressividade comercial", e dedicado boa parte da atenção para a manutenção e retenção dos clientes atuais da carteira. Um exemplo é o Market Share, que tem se mantido em 43% dentro da área de atuação da cooperativa. "Além disso, temos investido constantemente em inovação tecnológica e em serviços próprios, para proporcionar aos beneficiários as melhores soluções em saúde, gerenciando custos e despesas com foco na qualidade assistencial."

Segundo o gestor, desde 2017 a Unimed Porto Alegre ampliou seus investimentos em ações inovadoras para oferecer soluções em tecnologia e atendimento com foco na ampliação da "experiência positiva" dos

clientes. O processo de inovação tem origem em decisões estratégicas da cooperativa, após a realização da primeira Hackathon, com a participação de colaboradores e cooperados, quando foram identificadas 211 novas ideias para o futuro. "A criação do projeto Bem-Startup Unimed e o RH Xperience (evento que reuniu fornecedores, clientes e colaboradores em uma jornada de cocriação para construir melhorias em processos, sistemas e políticas de gestão operacional do benefício da saúde) também merecem destaque".

Entre os primeiros movimentos da cooperativa também está a evolução da plataforma de serviço do aplicativo para smartphone Unimed POA, com o objetivo de melhorar a experiência do cliente. Recentemente, a organização lançou o atendimento virtual por chatbot e o app Viver Bem, que permite monitoramento dos hábitos diários e da possibilidade de participação nos programas oferecidos. Além disso, a cooperativa inaugurou também a primeira unidade totalmente digital do Laboratório Unimed, sendo a única referência no País nesse segmento. "Os movimentos da cooperativa continuam intensos em relação ao fortalecimento de seu posicionamento de marca e mercado, especialmente nas ações que geram experiência para a sociedade, clientes, médicos cooperados e colaboradores", destaca Vieira.

UNIMED PORTO ALEGRE/DIVULGAÇÃO/JC



Laboratório inaugurado na avenida Carlos Gomes é um dos novos pontos de atendimento

Uniodonto prepara nova campanha de vendas

Em meio a uma série de inovações, como reconhecimento facial do cliente, cartão virtual, atendimento pelo sistema integrado Ufast (que agiliza processos de validação de serviços), entre outras, a Uniodonto Federação está projetando uma nova campanha de vendas. "Já é quase certo que vamos lançar a prestação de serviço individual", afirma o presidente da Federação, Irno Augusto Pretto.

MARCELO G. RIBEIRO/ARQUIVO/JC



Irno Pretto, da Uniodonto

Ele explica que, atualmente, "as empresas estão receosas em fecharem contratos maiores" e que a campanha vai ao encontro da necessidade de atendimento da população,

Somando 1.264 cooperados e 96 empregados, a Uniodonto atende 205.985 pessoas através de seis ambulatórios 24 horas e 13 ambulatórios nas sedes da cooperativa. Também realiza atendimentos em feiras e Cipats de empresas através do Odontomóvel, que junto com os demais serviços contribuíram para que em 2019 a Federação alcançasse um faturamento de R\$ 48,3 milhões.

"Tivemos uma redução em torno de 30% do atendimento nos primeiros 90 dias de pandemia", admite Pretto, destacando que, para que minimizar o impacto entre os associados, a Uniodonto vem distribuindo mensalmente (em pequenas quantias) as sobras de 2019 entre os dentistas. "Também não ficamos parados neste período, pois a saúde bucal da população é de extrema importância."

Unimed Federação acelerou telemedicina

Em funcionamento desde o dia 31 de março, o serviço Telemedicina Unimed - Plantão Covid-19 (oferecido pela Unimed Operadora/RS) está prestes a completar dois meses e se consolida como uma alternativa aos atendimentos presenciais. Contando com a adesão de 11 Unimeds no Estado, as teleconsultas ocorrem das 10h às 22h, durante os sete dias da semana, e são destinados

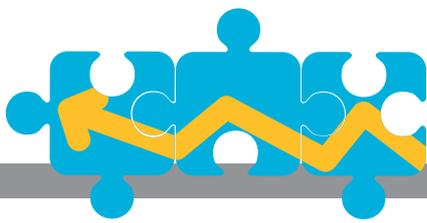
CLAUDENIR MUNHOZ/DIVULGAÇÃO/JC



Melo destaca atendimento

apenas para pessoas com sintomas que possam caracterizar presença de novo coronavírus no organismo. Segundo o diretor de Negócios e Inovação da Unimed-Federação, Luis Carlos Melo, os plantões são realizados por oito médicos, que atendem tanto da sua sede, quanto de forma remota e os investimentos em produtos e serviços que estavam previstos para acontecerem ao longo do ano tiveram que ser antecipados em função do cenário. "O serviço de Telemedicina estava em estudo antes da pandemia e foi acelerado de forma que, em 30 dias, já estava na ativa para o Plantão-Covid-19", exemplifica.

Melo acrescenta que o Sistema Unimed-RS tem mantido sua base de clientes, "com pouquíssimas baixas". Segundo o gestor, negociações e ações pontuais foram instaladas e têm sido fundamentais para esta manutenção. "Estamos sensíveis a todos os fatos ocorridos, promovendo o fortalecimento de parceria junto aos nossos clientes."



crédito



CREATIVEART VIA FREPIK.COM/DIVULGAÇÃO/JC

Muitos associados já costumam entrar em contato com gerente de conta utilizando aplicativos de mensagens

Cooperativas de crédito superam desafios com apoio da tecnologia

Roberta Mello
roberta@jornaldocomercio.com.br

O ramo crédito deve seguir repetindo o bom desempenho mostrado em anos anteriores. Em 2020, as principais cooperativas de crédito com operação no Estado projetam crescimento na casa dos dois dígitos - entre 10% e 20%. Grande parte do sucesso se deve ao fato de que elas já vinham em um movimento de desenvolvimento e implementação de canais de atendimento digitais, como internet banking e aplicativos.

Com eles, os associados puderam continuar fazendo todas as transações sem sair de casa durante a pandemia do novo coronavírus. Como as demais instituições financeiras, as cooperativas não se viram obrigadas a remodelar completamente o modelo de negócio. Elas colheram os frutos de anos acompanhando um mercado cada vez mais

competitivo, principalmente com o ingresso das fintechs.

Novamente, uma máxima é repetida por quem atua na área: o cooperativismo cresce em momentos de crise. Não porque esse modelo esteja alicerçado em práticas vorazes de mercado. Pelo contrário. É porque em situações de dificuldade que as pessoas passam a ter cuidado especial com as contas e a reconhecem ainda mais aqueles valores intrínsecos às cooperativas de crédito: atendimento personalizado, taxas mais baixas do que as dos bancos, foco no melhor para os associados e distribuição das sobras - ao final do ano, o "lucro" é distribuído entre os cooperados.

Mas engana-se quem pensa que as cooperativas de crédito estão acomodadas. Além dos canais de atendimento já existentes, elas estão ampliando as opções oferecidas aos cooperados.

O Sicredi passou a oferecer, além do site e aplicativo,

atendimento via WhatsApp. A ideia, comenta o vice-presidente da Central Sicredi Sul/Sudeste, Márcio Port, surgiu da percepção de que muitos associados já costumavam entrar em contato diretamente com o gerente da sua conta pelo aplicativo e que o atendimento era um sucesso.

O uso do WhatsApp já estava em fase de estudos desde o ano passado. A sua liberação para uso do público em geral foi acelerada, devido ao início da adoção de protocolos de distanciamento social para conter a Covid-19 a partir de março. Por tudo isso, o Sicredi espera manter crescimento de 20% até o final de 2020 - mesmo patamar dos últimos dois anos, avisa Port. A instituição financeira pioneira no Brasil, criada em Nova Petrópolis, na serra gaúcha, conta com mais de 4 milhões de associados e está presente em 22 estados e no Distrito Federal.

Na Unicred-RS, em que 64%

dos cooperados são profissionais da área da saúde, a principal inovação será a implementação da associação por meio digital usando o aplicativo da instituição. "O sistema foi pensado exatamente para atender às necessidades daquele profissional que quer fazer parte, mas não tem tempo ou não quer se deslocar até uma agência. Será usada uma assinatura digital", explica o diretor-geral da Unicred-RS, Rodrigo Ulian Borges. A estimativa é de que a novidade seja lançada nos próximos meses, facilitando o acesso de quem está no combate à Covid-19 em hospitais.

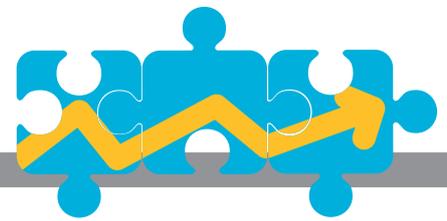
No caso do Sicoob, uma novidade em fase final de construção é o SicoobPay, tecnologia de pagamento via QR Code. O sistema congrega 422 cooperativas do Brasil inteiro, incluindo o Rio Grande do Sul. A solução será a primeira do mercado a oferecer o pagamento instantâneo sem a necessidade de vínculo com o cartão. Ela terá linhas de crédito incluindo opção sem juros, possibilidade de parcelar compras e taxas de desconto menores para o receptor.

O Sicoob é uma das maiores cooperativas financeiras do

Brasil e serve de termômetro para quem quiser entender como vai esse segmento. Entre o primeiro trimestre de 2019 e março de 2020, registrou um aumento expressivo na quantidade de cooperados. O número chegou a 4,7 milhões, 8,5% maior do que o registrado um ano antes.

Conforme o sistema, "além de ser consequência da oferta de uma gama de produtos e serviços, com taxas muito mais acessíveis do que no sistema bancário tradicional, parte desse crescimento se deve à possibilidade de associação remota, pelo aplicativo Sicoob Faça Parte". Só entre janeiro e março de 2020, o Sicoob registrou cerca de 40 mil novos cooperados pelo Faça Parte, totalizando R\$ 43 milhões em operações de crédito e R\$ 37,6 milhões em depósitos remotos. Por meio do aplicativo, as etapas de associação são realizadas de forma completamente digital.

Além de crescimento no número de associados, o Sicoob registrou, no primeiro trimestre de 2020, um valor de R\$ 64,3 bilhões no volume de operações de crédito, cerca de 22% a mais do que de janeiro a março do ano passado.



Sicredi avalia com cautela o horizonte do agronegócio

Com grande capilaridade no interior do Estado e um dos principais financiadores do agronegócio gaúcho, o Sicredi vê com receio a previsão de que uma nova estiagem deve assolar o Rio Grande do Sul em 2021. Se isso normalmente já seria uma má notícia, a preocupação aumenta depois de um ano com forte seca e uma pandemia ainda ativa.

De acordo com o vice-presidente da Central Sicredi Sul/Sudeste, Márcio Port, se não fossem os programas de prorrogação dos débitos dos financiamentos em 2020, o impacto sobre a instituição financeira e sobre os cooperados já teria sido muito grande. Mas ele salienta que não é o momento de simplesmente olhar para frente e esquecer as dificuldades enfrentadas. "É importante lembrar que não se tratou de um perdão da dívida, mas da prorrogação dos prazos para pagá-la".

E o maior temor de Port nem é que os cooperados não honrem

os contratos, mas que os vencimentos atuais se acumulem com os futuros. Junto com isso vem a previsão de mais um verão com pouca chuva no ano que vem. As contas dos produtores podem não fechar e a dívida se tornar ainda mais difícil de quitar.

Com o Plano Safra 2020/2021 já lançado, a recomendação é que o agronegócio gaúcho esteja atento. "No momento em que todas essas operações que foram prorrogadas estiverem prestes a vencer, é preciso que a economia brasileira esteja bem", analisa Port. Caso contrário, a conjuntura em 2021 pode ser ainda pior.

No primeiro semestre do Plano Safra 2019/2020, o Sicredi liberou o maior volume de crédito rural entre instituições privadas. Ao todo, foram disponibilizados R\$ 12 bilhões em mais de 131 mil operações de crédito rural para os associados. Os dados constam de levantamento do Banco Central do Brasil (BCB).

Para esta safra, a instituição financeira cooperativa estima viabilizar R\$ 20,1 bilhões em crédito rural, projetando atingir mais de 220 mil operações. O valor representa um crescimento de 12,3% nos recursos concedidos em relação ao ano-safra anterior, quando foram disponibilizados R\$ 17,9 bilhões em 190 mil operações.

Do montante para o ciclo atual, a expectativa é disponibilizar R\$ 17,5 bilhões em operações de custeio, comercialização e investimento, além de R\$ 2,6 bilhões com recursos direcionados, oriundos do BNDES (Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social).

O vice-presidente da Central Sicredi Sul/Sudeste reconhece que, até aqui, 2020 foi marcado por uma revisão das prioridades e que o período exigiu que as pessoas se voltassem às necessidades básicas. Pensando no encolhimento do consumo das famílias brasileiras e tentando agir proativamente para



Márcio Port apoia iniciativas que ajudem a economia local

estimular a retomada econômica a partir dos pequenos, o Sicredi lançou a campanha Eu Coopero com a Economia Local.

"Estamos trabalhando para que as pessoas se deem conta da importância de comprar do vizinho, do estabelecimento do bairro, de prestigiar a indústria e os produtores locais para manter os empregos dos seus amigos e familiares, a força da economia da sua cidade e região", salienta Port. Um hotsite será criado para servir de fonte de informações sobre a iniciativa e ferramenta de apoio aos empreendedores locais.

O espaço disponibilizará conteúdos em vídeo e e-books com dicas de como trabalhar os negócios nos meios digitais e uma plataforma de personificação de peças digitais de divulgação, além de acesso a outras ferramentas que podem auxiliar na gestão do empreendimento.

A instituição tem também um aplicativo que fomenta as interações comerciais entre seus associados. O Sicredi Conecta é um marketplace que permite a publicação de anúncios e realiza vendas de produtos e serviços sem a cobrança de taxas ou qualquer custo aos usuários.

Unicred-RS teve de adiar abertura de novas agências

Voltada a associados de todas as áreas, mas focada especialmente em profissionais da área da saúde, a Unicred-RS também adiou o início das operações de novos pontos físicos. A instituição financeira teve de repressar a inauguração de pelo menos três agências praticamente prontas, além de colocar o pé no freio em projetos de expansão para o Mato Grosso do Sul e para a região Nordeste do País.

Em janeiro, a Unicred-RS inaugurou a Ponto Capital, em Santa Maria, e mantém a expectativa de ainda conseguir abrir mais duas unidades, apesar do cenário de pandemia. "Em um ano normal teríamos, provavelmente, mais inaugurações acontecendo. Entretanto, o planejamento das cooperativas precisou passar por ajustes em função do momento que estamos vivendo", pontua o diretor-geral, Rodrigo Ulian Borges.

A Unicred-RS conta com mobile e internet banking e vê o número de novos associados seguir no mesmo patamar de anos anteriores. A instituição reúne 13 cooperativas gaúchas e tem 71 pontos de atendimento - 65 deles no Estado e outros seis em Santa Catarina, Rio de Janeiro e Pernambuco.



Rodrigo Ulian Borges diz que cronograma passou por ajustes devido à pandemia

CrediCapital mantém planos de expansão no RS

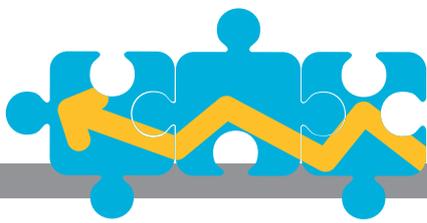


Guido Bresolin Jr. destaca desempenho positivo da primeira agência no Estado

A Sicoob CrediCapital iniciou, no final de 2019, um projeto de expansão de Cascavel, no Paraná, para outros estados. Rio Grande do Sul e São Paulo foram os escolhidos. Mas a pandemia do novo coronavírus adiou os planos. Mesmo assim, o presidente do Conselho de Administração da CrediCapital, Guido Bresolin Junior, garante que o avanço no mercado gaúcho continua entre os objetivos da cooperativa.

A primeira de cinco agências previstas para serem inauguradas entre 2019 e 2020 no Rio Grande do Sul entrou em operação no início de outubro de 2019. A unidade fica na avenida Carlos Gomes, em Porto Alegre e, na avaliação de Bresolin, tem "ótimo desempenho", tanto em resultados financeiros quanto em número de novos associados.

O escritório da CrediCapital na sede da Associação Comercial de Porto Alegre (ACPA), aberto em fevereiro deste ano, foi o novo ponto físico mais recente da cooperativa no Estado. Bresolin garante que, até o final do ano, pelo menos a agência na avenida Assis Brasil vai entrar em operação. Estão previstas, ainda, mais duas agências na Capital, nas avenidas Getúlio Vargas e Wenceslau Escoba.



energia

Cooperativas querem aumentar carga elétrica no campo

Jefferson Klein
jefferson.klein@jornaldocomercio.com.br

As cooperativas de eletrificação rural já cumpriram um importante papel histórico no Rio Grande do Sul ao levarem luz para diversos pontos afastados dos centros urbanos e que não eram atendidos pelas distribuidoras de maior porte. No entanto, agora, com o crescimento do agronegócio, o produtor não quer apenas ligar a sua geladeira, ele precisa de uma infraestrutura que suporte a demanda de um sistema de resfriamento para a sua produção de leite, por exemplo. Esse é o novo desafio que se apresenta diante das cooperativas.

O presidente da Federação das Cooperativas de Energia, Telefonia e Desenvolvimento Rural do Rio Grande do Sul (Fecoergs) e da Certel (cooperativa sediada em Teutônia), Erineo José Hennemann, é um dos defensores da melhoria da qualidade de fornecimento de eletricidade no meio rural e aponta o programa Energia Forte do Campo, que tem a colaboração do governo do Estado, como uma ferramenta para atingir esse objetivo. O dirigente frisa que uma ação como essa requer pesados investimentos e, como muitos dos interessados nessa medida são agricultores familiares, o ideal é

que o ônus financeiro seja diluído pelos participantes, com apoio do poder público.

Entre os mecanismos que podem ajudar a trocar as redes monofásicas na área rural por trifásicas, que têm melhores condições para aguentar uma carga maior de energia, está a disponibilidade de financiamento por parte do BRDE. "A parceria do governo do Estado com os municípios e cooperativas vai diminuir o desembolso do associado, pois vamos complementar o aporte necessário", enfatiza o presidente da Fecoergs.

Conforme o superintendente da Fecoergs, José Zordan, dentro do programa Energia Forte do Campo, as cooperativas estão negociando com o governo do Estado a liberação de recursos. "Se não fosse esse problema da pandemia do coronavírus, as medidas já estariam sendo desenvolvidas", afirma.

A Fecoergs agrega 15 cooperativas que representam, atualmente, em torno de 300 mil famílias associadas presentes em 369 municípios (algumas dessas cidades são atendidas na sua maior parte pelas duas grandes distribuidoras gaúchas, RGE e CEEE-D, mas alguns consumidores na área rural têm o fornecimento de luz garantido por uma cooperativa). Essas cooperativas, além da distribuição de energia, participam de projetos



CERTEL/DIVULGAÇÃO/JC

de geração de eletricidade. Esses empreendimentos somam 24 centrais hidrelétricas e duas usinas solares próprias, além de mais oito hidrelétricas com outras empresas.

O presidente da Coprel (associada da Fecoergs, com sede em Ibirubá) e da Confederação Nacional das Cooperativas de Infraestrutura (Infracoop), Jânio Vital Stefanello, concorda que a necessidade de aumentar a capacidade de carga elétrica para o produtor rural é algo de extrema relevância. "Temos programas próprios para levar redes bifásicas e trifásicas para o Interior, principalmente para os produtores que desejam ampliar suas atividades de leite, aviários, irrigação, graneleiros e agroindústrias", informa. A Coprel conta com o Fundo Mais Energia, no qual a cooperativa participa com 60% dos custos dos projetos dos cooperantes e ainda arca com 50% da taxa de juro do financiamento caso o associado opte por esta forma de pagamento. "Assim, estamos

seguindo a nossa missão de levar renda e vida melhor ao campo", frisa Stefanello.

Sobre a ideia de reforçar a qualidade de energia no meio rural, o presidente da Crelal (de Erechim), João Alderi do Prado, comenta que é um fato que algumas regiões, como aquelas que possuem a operação de aviários de maior porte, precisam de uma rede trifásica. Porém, o dirigente reforça que o custo é bem elevado e, na maioria das vezes, recai sobre o consumidor. "É importante que se tenha um programa que ajude a fortalecer a estrutura de energia elétrica no meio rural", sustenta o presidente da Crelal. Prado reitera que não se trata de levar a luz para o campo, algo que já está bem difundido no Rio Grande do Sul, mas permitir o reforço das cargas. Hoje, em vários casos, equipamentos de refrigeração empregados na produção rural não podem ser utilizados, pois a rede não suporta a energia exigida por este maquinário.

Objetivo é permitir que associados tenham mais potência para equipamentos como resfriador de leite

Serviços são mantidos em meio ao combate ao coronavírus

Apesar das dificuldades que o coronavírus causou - e vem causando - na sociedade, as cooperativas de energia tiveram que manter suas atividades consideradas como essenciais. No caso desses grupos, a importância do atendimento cresce ainda mais, pois o setor do agronegócio, ligado à questão da alimentação, não sofreu uma redução de demanda como, por exemplo, o segmento industrial.

"A área rural se manteve em função da sua produção", frisa

o presidente da Fecoergs e da Certel, Erineo José Hennemann. O superintendente da Fecoergs, José Zordan, acrescenta que as cooperativas de energia associadas à federação, comparando-se os primeiros cinco meses de 2020 com o mesmo período do ano passado, registraram um aumento médio de consumo de energia na ordem de 9%. Zordan recorda que o Rio Grande do Sul enfrentou uma forte estiagem neste ano, um dos motivos que provocou o aumento do consumo de

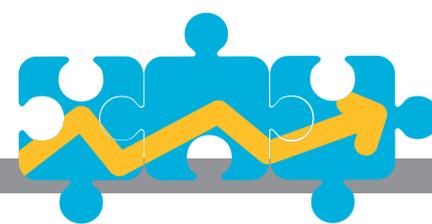
eletricidade com a irrigação no meio rural.

Sobre o coronavírus, o presidente da Coopernorte, Jairton Nunes Vieira, destaca que a pandemia ocasionou o crescimento do nível de inadimplência quanto às contas de luz, chegando a um patamar de aproximadamente 30%, no caso da cooperativa que tem sede em Viamão. Ele salienta que, de acordo com normas estipuladas pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), nesse período de combate ao vírus, as

concessionárias de energia não podem realizar cortes no fornecimento por falta de pagamentos.

Quanto aos efeitos da pandemia nas operações da Ceriluz (com sede em Ijuí), o presidente da cooperativa, Iloir de Pauli, diz que o principal impacto se deu nas ações de relacionamento entre gestores e colaboradores com os associados. A Ceriluz precisou priorizar os atendimentos não presenciais redirecionando esse trabalho para canais telefônicos e onlines.

Já o presidente da Coprel, Jânio Vital Stefanello, informa que foram intensificados os cuidados de higiene, adotado o uso de equipamentos de proteção individual e atenção com o distanciamento das posições de trabalho. Os treinamentos e reuniões da cooperativa passaram a ser realizados de forma 100% online. Já eventos presenciais que não possuem condições de serem feitos via internet serão retomados assim que a situação da pandemia se normalizar.



Investimentos em geração seguem confirmados

Além do serviço de distribuição de energia, as cooperativas também atuam fortemente na área de geração de eletricidade. Mesmo com os problemas impostos pelo coronavírus, essa atividade continua sendo uma das prioridades.

No caso específico da Creal, o presidente da cooperativa, João Alderi do Prado, admite que a pandemia atrapalhou um pouco o projeto da pequena central hidrelétrica (PCH) Forquilha IV Luciano Barancelli, que o grupo desenvolve juntamente com a Coprel, a Ceriluz e a Erechim Energia. A usina está sendo construída no rio Forquilha, entre os municípios de Maximiliano de Almeida e Machadinho, na região Nordeste do Rio Grande do Sul. O dirigente detalha que, devido ao coronavírus, foi preciso diminuir o número de pessoas que atuavam nas obras.

Inicialmente, a perspectiva era que a operação do empreendimento ocorresse em julho, agora a projeção é que esse mês seja aproveitado para a realização de testes e a geração de energia aconteça a partir de agosto. A potência instalada da unidade será de 13 MW (cerca de 0,4% da demanda média de energia elétrica do Estado) e o investimento é de aproximadamente R\$ 74 milhões.

Apesar do pequeno atraso em relação ao que estava programado

no planejamento original, a usina ainda tem uma enorme folga de tempo quanto à entrega de energia já determinada em contrato. O empreendimento foi vencedor de um leilão de energia promovido pelo governo federal em 2017, prevendo a entrega da geração para o setor elétrico interligado nacional a partir de 2023. Contudo, o presidente da Creal explica que a meta é antecipar o funcionamento da PCH para também comercializar energia no mercado livre (formado por grandes consumidores, que podem escolher de quem vão adquirir a energia), antes de ter que atender ao contrato firmado.

A Creal também participa do projeto de uma térmica que será alimentada com casca de arroz em Capivari do Sul, cujo início das obras aguarda o licenciamento ambiental. E, apesar da questão do coronavírus, o presidente da cooperativa diz que a intenção é começar o empreendimento ainda este ano. O escopo inicial previa uma térmica de potência de 5 MW, mas está sendo avaliada a possibilidade de reduzir para 4 MW. O investimento estimado é de em torno de R\$ 35 milhões e o consumo seria de cerca de 40 mil toneladas de casca de arroz por ano. No pico de obras, deverão ser criados em torno de 120 empregos diretos. Ainda não há uma definição se a energia da térmica será



PCH Cazuza Ferreira, da Certel: cooperativa de Teutônia irá investir R\$ 45 milhões em geração neste ano

comercializada através de leilão ou no mercado livre. Também participam dessa iniciativa a Ceriluz, Erechim Energia, BR Energia, Minozzo Participações e Energia 203.

Já a Coopernorte pretende instalar uma usina solar com capacidade para 11,5 MW, situada na localidade viamonense de Águas Claras. O presidente da cooperativa, Jairton Nunes Vieira, explica que a meta é captar clientes dentro do ambiente de geração distribuída (que produzem a própria energia consumida), como redes de combustíveis e supermercados que queiram reduzir suas contas de luz. O investimento no complexo solar é calculado em R\$ 45 milhões e, se tudo transcorrer dentro do previsto, no primeiro semestre do próximo ano já será possível

conectar na rede alguma parte do volume de energia produzido.

Na Certel, o presidente da cooperativa, Erineo José Henemann, confirma que os planos do grupo foram mantidos, apesar da pandemia, e o orçamento para a área de geração desse ano é de cerca de R\$ 45 milhões, e a distribuição ficou com em torno de R\$ 70 milhões. Entre outros projetos, a cooperativa está realizando uma nova rede elétrica entre Lajeado e Teutônia, ligando as subestações dessas cidades com circuito duplo (duas redes em uma estrutura só). O grupo desenvolve ainda os estudos para a implantação de uma subestação de energia em Poço das Antas para atender à área da indústria, principalmente da Cooperativa Languiru. No campo da

geração de eletricidade, um empreendimento que está sendo trabalhado é o da hidrelétrica Vale do Leite (no rio Forqueta, entre os municípios de Pouso Novo e Coqueiro Baixo). A usina terá 6,4 MW de potência instalada e o investimento projetado é de cerca de R\$ 45 milhões.

Também na área de geração, a Coprel está há mais de 10 anos trabalhando nos projetos das PCHs Santo Antônio do Jacuí e Tio Hugo. O presidente da cooperativa, Jânio Vital Stefanello, recorda que essas duas usinas possuem a Licença Prévia do órgão ambiental (Fepam) e agora aguardam a Licença de Instalação (LI). Recentemente, o grupo recebeu a outorga da Aneel para continuar os estudos dos projetos dessas hidrelétricas.

Internet é outra demanda dos associados

Assim como uma maior capacidade quanto ao fornecimento de energia, os cooperativados que vivem na zona rural também querem receber um bom serviço de internet.

O presidente da Ceriluz, Iloir de Pauli, comenta que está acontecendo hoje algo parecido com o que ocorreu há 50 anos com a energia. "Novamente as cooperativas estão buscando satisfazer a essa necessidade dos produtores rurais, uma vez que a internet já é uma ferramenta de negócios", salienta.

Outra cooperativa que vai adotar a fibra ótica é a Coopernorte. O presidente da cooperativa, Jairton Nunes Vieira, destaca que o

grupo possui hoje 130 clientes ligados à internet via rádio, mas a ideia é implementar neste segundo semestre os primeiros quilômetros de fibra ótica da Coopernorte.

Quando à expansão da internet no meio rural, o presidente da Creal, João Alderi do Prado, informa que a iniciativa continua na pauta da cooperativa. "Até porque esse momento de pandemia exigiu novas formas de comunicação", frisa. O aumento de conexões também está no radar da Coprel. "A necessidade de internet, principalmente neste período de coronavírus, reflete no nosso crescimento na área de telecomunicações", afirma o presidente da cooperativa, Jânio Vital Stefanello.



Jânio Stefanello, presidente da Coprel

Cooperativas associadas à Fecoergs

Cooperativa	Fundação	Sede da Cooperativa	Nº de consumidores
Certel	19.02.1956	Teutônia	66.394
Cermissões	18.02.1961	Caibaté	28.165
Creluz	03.04.1966	Pinhal	23.433
Ceriluz	20.08.1966	Ijuí	13.997
Coprel	14.01.1968	Ibirubá	55.034
Cerfox	09.07.1962	Fontoura Xavier	15.721
Creal	23.07.1969	Erechim	7.551
Celetro	09.09.1969	Cachoeira do Sul	23.074
Certaja	17.10.1969	Taquari	25.716
Certhil	23.11.1969	Três de Maio	8.971
Cooperluz	05.12.1970	Santa Rosa	15.910
Coopersul	20.10.1972	Bagé	5.298
Cervale	20.10.1974	Santa Maria	1.286
Coopernorte	09.03.1975	Viamão	6.118
Cosel	09.09.1975	Encruzilhada do Sul	1.766
Total			297.987

Dados de Dezembro de 2019

Fonte: Fecoergs

Somos um modelo
de economia que acredita
nas relações em que
todos ganham.

ocergs.coop.br

somos **coop** 

VENHA COM A GENTE
somos.coop.br



No dia 4 de julho, o Sistema Ocergs-Sescop/RS e mais de um bilhão de pessoas no mundo celebram o **Dia Internacional do Cooperativismo**. Venha ser coop com a gente e descobrir como o cooperativismo muda a vida de muitas gerações. **Afinal, juntos, podemos ir mais longe.**



SistemaOcergs
OCERGS - SESCOOP/RS